

# CAMÕES

REVISTA DE LETRAS E CULTURAS LUSÓFONAS

n.º 28 – 2024



*Luís de Camões:  
o futuro do passado*

- 03 *Editorial*  
**ANA FERNANDES**
- 06 *Depois de Camões,  
quando tarda o tempo*  
**PAULO RANGEL**
- 09 *Apresentação*  
**HELDER MACEDO E  
MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO**
- ENSAIO VISUAL**
- 11 *A viagem da Camélia*  
**JUN SHIRASU**
- ENSAIOS**
- 17 *Tripla ilusão na leitura de Os Lusíadas:  
Vasco da Gama não é Eneias, D. Sebastião  
não é Augusto, e até as viagens diferem*  
**CARLOS ASCENSO ANDRÉ**
- 25 *Para uma leitura feminista de Os Lusíadas*  
**ANA PAULA FERREIRA**
- 33 *Sobre os rios que vão e a coluna vertebral  
da obra camoniana*  
**RITA MARNOTO**
- 39 *Camões e a coragem do dizer*  
**LUIS MAFFEI**
- 43 *Dando uma nova vida a Camões:  
a tradução d'Os Lusíadas para latim de  
Sir Richard Fanshawe*  
**THOMAS EARLE**
- 51 *Camões e o destino nacional na música  
portuguesa: de João Domingos Bomtempo a  
Emmanuel Nunes*  
**MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO**
- 59 *Camões e os altos cumes das artes*  
**VÍTOR SERRÃO**
- 71 *Um mapa de resistência?*  
**SIMON PARK**
- 77 *Camões, português, goês e cosmopolita*  
**DELFIN CORREIA DA SILVA**
- 87 *Uma lenda malabar n'Os Lusíadas*  
**LUÍS FILIPE F. R. THOMAZ**
- 93 *Camões na China*  
**XU YIXING**
- 97 *O Brasil como profecia. Camões na terra  
de Santa Cruz*  
**ETTORE FINAZZI-AGRÒ**
- 103 *Metamorfoses de Camões na costa austral  
do Índico*  
**FÁTIMA MENDONÇA**
- 113 *Mares de palavras: Camões e a diáspora  
poética em África*  
**INOCÊNCIA MATA**
- ENSAIO VISUAL**
- 120 *Camões com um K*  
**JOSÉ LUANDINO VIEIRA**
- 126 **NOTAS BIOGRÁFICAS**

# Editorial

ANA FERNANDES

Presidente do Camões, I.P.

“Camões celebra o surgir, o aparecer, aquilo a que os gregos chamaram ‘aletheia’. Celebra os homens que buscam a desocultação, o emergir do fenómeno, a escrita da terra”<sup>1</sup>.

Em 1980, no seu ensaio “Luís de Camões: ensombramento e descobrimento”, Sophia de Mello Breyner Andresen refletia sobre o impacto, a beleza e a autoridade do poeta máximo da língua portuguesa. Refletia sobre a sua ousadia e bravura, sobre a sua capacidade de compreender o tempo em que vivia e os portugueses que nele viviam, sobre a sua intemporalidade e imortalidade. No seu ensaio, a deputada constituinte, corredora da lei fundamental, refletia sobre a celebração do autor constituinte da língua portuguesa – e sobre como então, tal como hoje, é uma celebração fundamental.

Camões sempre será a figura maior da nossa poesia, que é celebrada e associada ao nosso potencial humano, enquanto país e povo. É invocado nos nossos momentos mais tensos, nos nossos momentos mais cruciais. “Simboliza todas as aspirações da nacionalidade portuguesa, as suas glórias e os seus desastres”<sup>2</sup>, como proclamava o (mais tarde) Presidente da República Teófilo Braga. A República, na sua visão cosmopolita do mundo, na sua ânsia de progresso e desenvolvimento, começa nas celebrações do III Centenário do Nascimento de Luís Vaz de Camões, onde são os pais fundadores do regime por fundar que insistem na sua relevância e na sua capacidade de representar “o começo de uma era nova”. Camões é liberdade de alcançar, é liberdade em sonhar novos mundos e objetivos, é liberdade para realizar. É “memória que perdura”, nas palavras de Natália Correia, em sessão plenária da Assembleia da República, já a propósito do IV Centenário da morte do poeta, é “estímulo para que se realizem obras perduráveis”<sup>3</sup>.

Luís de Camões é o patrono das mudanças, é o aclamado nos momentos cruciais. Na coincidência com Abril, é liberdade e universalidade, e quis o calendário que 2024 fosse o ano da exaltação desse legado, o ano em que assinalamos, simultaneamente, os 50 Anos do 25 de Abril de 1974 e os 500 Anos do Nascimento de Luís Vaz de Camões. Ambos os momentos, embora distintos em natureza, são profundamente interligados pelo espírito de liberdade, criatividade e transformação que caracteriza a nossa identidade. Como afirmava Jorge de Sena nas primeiras celebrações oficiais em democracia do Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas, a obra do poeta sempre nos revelou “um Camões profundo, um Camões dramático e dividido, um Camões subversivo e revolucionário, em tudo um homem do nosso tempo, que poderia juntar-se ao espírito da Revolução de Abril de 1974, e ao mesmo tempo sofrer em si mesmo as angústias e as dúvidas do homem moderno que não obedece a nada nem a ninguém senão à sua própria consciência”<sup>4</sup>.

A nossa *Revista Camões* dedica a edição deste ano a celebrar o poeta que melhor nos interpretou, que melhor nos descreveu, que melhor ousou ser livre e inteiro. A herança de Luís Vaz de Camões continua a influenciar a cultura, a política e a sociedade contemporâneas, inspirando novas gerações a valorizar a liberdade e a criatividade.

Nesta edição especial, exploramos a vida e obra do poeta, destacando sua influência duradoura na literatura e na cultura lusófonas. Analisamos como a sua visão lírica e humanista continua a inspirar escritores, artistas e pensadores contemporâneos. Os artigos selecionados revisitam a sua obra, oferecendo novas visões sobre a relevância de sua obra nos dias de hoje. A edição deste ano contou com a coordenação editorial do Professor Doutor Helder Macedo e da Professora Doutora Margarida Calafate Ribeiro.

Celebrar Luís Vaz de Camões é reconhecer a importância da memória coletiva na formação da identidade nacional. A preservação e a promoção da cultura e da história em português são fundamentais para fortalecer os laços entre as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Esta revista serve como um elo de ligação, proporcionando um espaço para o intercâmbio de ideias e a valorização do património comum. O futuro da comunidade da língua portuguesa também depende da nossa capacidade de aprender com o passado e aplicar esses ensinamentos na construção de sociedades mais criativas e justas. A herança de Camões oferece leituras valiosas sobre a importância de um globalismo baseado na expressão e na cultura artísticas e no conhecimento e respeito pela diferença. Como diz o poeta:

*Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.  
(...)  
E, afora este mudar-se cada dia,  
Outra mudança faz de mor espanto:  
Que não se muda já como soía<sup>5</sup>.*

É nosso destino garantir que Camões continue a inspirar futuras gerações na construção da nossa identidade comunitária, nacional e global.

O Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, em Portugal e nos 89 países onde tem presença, manterá viva a memória da “imaginação à solta, da convergência das artes, da profunda expressão de reconhecimento e solidariedade”<sup>6</sup>, como afirmou Urbano Tavares Rodrigues a propósito do Dia de Camões de 1974. Reiteramos, como sempre reiteraremos, o nosso compromisso com a promoção da língua e da cultura portuguesas e o fortalecimento da cooperação com os países parceiros. E continuaremos em 2025, prosseguindo a comemoração deste V Centenário – ano em que assinalamos os 100 anos da consagração oficial do dia do seu nascimento como festa nacional da nossa universalidade, e convergindo também, na coincidência da felicidade inteira e plena, com os 50 anos do primeiro sufrágio livre e universal em Portugal.

Convido-os a todos a lerem e partilharem esta edição especial, a refletirem sobre a importância e atualidade de Luís Vaz de Camões e a participarem nas celebrações deste legado contínuo e transformador. Juntem-se a nós e a Camões em

*Aquela triste e leda madrugada,  
cheia toda de mágoa e de piedade,  
enquanto houver no mundo saudade  
quero que seja sempre celebrada.<sup>7</sup>*

1. "Luís de Camões: ensombramento e descobrimento", in *Poemas escolhidos*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1981.
2. *Bibliographia camoniana*, Lisboa, Imprensa de Christovão A. Rodrigues, 1880.
3. *Diário da Assembleia da República*, I Série, n.º 14, de 8 de fevereiro de 1980.
4. FERREIRA, Virgílio, *Camões e a identidade nacional*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983
5. CAMÕES, Luís Vaz de, *Sonetos*.
6. "Dia da Arte e do Povo no Mercado da Primavera", in *O Século*, Lisboa, 12 de junho de 1974.
7. CAMÕES, Luís Vaz de, *Sonetos*.

# Depois de Camões, quando tarda o tempo

PAULO RANGEL

Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros

**A** propósito dos quinhentos anos do seu nascimento, pediram-me a transmissão impossível: escrever sobre Camões. A tanto anuí com a aguda consciência de que a obra do poeta maior é inabarcável na sua dimensão, na sua profundidade e na sua riqueza. Depois de dias e horas de busca vã da inspiração, nenhuma inspiração foi encontrada; restou-me, pois e tão-só, a compulsão da ultrapassagem do prazo de entrega das linhas que ora seguem. Onde não se vislumbra a inspiração, sempre rege a mais drástica das pulsões: a pulsão do tempo que, porque dele vem acompanhada, é inarredavelmente compulsão.

Camões não é o fundador da língua portuguesa, mas é quiçá um “refundador”, senão mesmo o único “refundador”, da nossa língua. Há “um” português antes de Camões e há “um” português depois de Camões. A escrita de Camões não deixou a língua portuguesa nem indiferente nem igual, renovou-a, modernizou-a, revolucionou-a; em boa verdade, e falando da compulsão do tempo, acelerou-a. Fê-la transitar da adolescência para a idade adulta.

Basta tomar em mãos ou em olhos *Os Lusíadas* para logo topar com uma obra genial, de vezo sobre-humano, própria dos heróis, semideuses ou deuses que enchem e afligem as suas páginas. A primeira surpresa é a do conhecimento pródigo da mitologia grega e romana, tão marcadamente renascentista. E a do seu uso dúctil e basto da primeira à última estância. Não menos impressionante é o domínio da mitologia cristã, com a sua corte de santos, o seu cortejo de anjos, o seu desatino de episódios bíblicos. A segurança das referências velhotestamentárias é notável e casa na perfeição com a intimidade intimista dos textos dos Evangelhos, domínio esse igualmente adornado pelo conhecimento quase fenomenológico da velha patrística cristã e da sua elaboração filosófica e teológica. Tudo o que vai de par com a familiaridade quasi pueril com a história, a literatura e o imaginário da Antiguidade Clássica. E com a mais que documentada influência vertiginosa de Virgílio e de Horácio. Verdaderamente intrigante, atenta a escassez e a fragmentação das fontes, vem a ser densidade do conhecimento da história de Portugal decorrida da nossa fundação até ao século XVI. Para lá da ciência mais livresca, adquirida em bibliotecas e acervos de livros, conservada numa memória humana individual absolutamente prodigiosa, espanta deveras o nível de sapiência de geografia, de astronomia, de arte náutica. *Os Lusíadas* são também um atlas da ciência coeva de Camões e do controlo fiel das suas luzes. Só um viajante experiente, um observador criterioso, um arquivista metuculoso poderia ter plasmado tal volume de novos saberes na então ainda jovial letra de forma.

A descrição da substância formativa e informada que vem de fazer-se é, só por si, da ordem do prodígio ou do sobrenatural e seria suficiente para

inscrever o poeta no universo dos raros sábios da Humanidade. Mas Camões foi muito mais longe, por ter hipostasiado essa inigualável cultura e aquela indisputável erudição num poema organizado, disposto em cantos, vertido em estâncias e declinado em versos decassilábicos. O que significa, portanto, que todo aquele saber adquirido e digerido foi estilizado e revelado num receptáculo formal, numa composição que pode reclamar-se da natureza do inatingível. Tratar e verter aquele infundável conhecimento em estrofes de oito versos, com rigidez silábica e com um esquema constante de rima é algo que não parece ao alcance da gesta humana. Estamos efectivamente a falar de uma obra de arte que, espartilhada por aquela necessidade formal, em nenhum momento acusa uma limitação ou uma redução do vórtex cultural. Camões é um construtor de catedrais, um pedreiro-livre da escrita, que levou consigo o segredo irrepitível de tamanha empresa. Irrepitível porque é da ontologia do não-dizível; irrepitível porque é da mecânica do não-imitável.

Falar de Camões é, outrossim, fazer esta apologia e esta pedagogia: tudo nele é da escala do “não-humano”. É simplesmente impossível deter e reter aquela envergadura de conhecimento e conhecimentos e ser capaz de a drenar e declinar naquele concreto formato de estrofes de versos e de sílabas. Só este feito, sem mais, é de molde a justificar um lugar cimeiro no Olimpo dos escritores.

Toda a obra camoniana é também uma obra geradora-criadora de vocábulos, que redescobre no latim ou surpreende no castelhano as fontes de novas palavras portuguesas. O viveiro lexical de Camões consubstancia não apenas uma renovação ímpar da língua portuguesa, como legitima e autoriza a criação de novas palavras desde então e até aos nossos dias. O regresso ao latim ou a vizinhança com o castelhano não são um apanágio de Camões; eles representam uma aptidão criativa e restauradora da língua, hoje largamente ensaiada e experimentada na exposição radiológica, por vezes tóxica, aos novos latins.

Para lá do génio e para lá da estética, sobeja ainda a orientação programática ou mesmo ideológica. Em *Os Lusíadas*, abunda a capacidade crítica e metadiscursiva, designadamente na abertura – que hoje se apodaria de “democrática” – ao debate e ao contraditório, paradigmaticamente patentes em episódios como o do *Velho do Restelo* ou o do *Adamastor*. Ao invés do que comodamente se supõe, a épica camoniana não é uma exaltação unívoca, mas antes uma celebração da dialéctica, prenhe de virtudes heurísticas, por vezes eivada de pedagogia socrática. Em toda a sua escrita, subsistem, como insectos que espicaçam e mordiscam o leitor, a ironia e a maiêutica. Neste Renascimento, tudo é parto, tudo é nascimento.

Urge o tempo, que tudo impede e que sobre tudo impende. É a compulsão do tempo, que tarda sempre mais de que ele próprio, que compele ao fecho e força à conclusão. Fecho que, na toada renascentista, é sempre a flecha do regresso ou a seta do retorno, mesmo que não eterno e ainda que o Tejo não seja Ítaca. Lê-se, pois, na estância 144 do Canto X:

*“Assim foram cortando o mar sereno,/ Com vento sempre manso e nunca irado,/*  
*Até que houveram vista do terreno/ Em que nasceram, sempre desejado./*  
*Entraram pela foz do Tejo sempre ameno,/ E à sua pátria e Rei temido e amado/*  
*O prémio e glória dão por que mandou,/ E com títulos novos se ilustrou.”*



André Carrilho, Retrato de Camões, "Camões - A Global Poet for Today" (Pt/En), Dilúvio, 2023, Lisboa



# Apresentação

HELDER MACEDO E MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

**L**uís de Camões é um poeta de dimensão universal e de perene contemporaneidade. Foi isso que procurámos mostrar através dos estudos aqui reunidos, os quais, por exemplo, incidem sobre o modo como o poeta transformou os modelos clássicos de que deriva, nomeadamente na mudança de perspetiva do Ocidente para o Oriente, n'Os *Lusíadas*; nas representações e correspondências que têm sido feitas, ao longo dos séculos, da sua imagem e da sua obra nas artes visuais e musicais; na releitura, de uma perspetiva feminista atual, da sua já em si inovadora atitude masculina em relação à mulher; na revelação de um acrescentamento provavelmente apócrifo a um dos seus mais comentados poemas, que tem sido entendido como comprovativo de uma final submissão à ortodoxia religiosa, assim sugerida como duvidosa; no modo como, muitas vezes, a sua aparente celebração patriótica é um veículo de crítica política e social; e, talvez sobretudo, na receção e recombinação criativa da sua obra da perspetiva geopolítica de outras nações e outras culturas, nomeadamente as africanas, a brasileira e as orientais, tanto em língua portuguesa como noutras línguas. As contribuições pictóricas que integram este volume (com exceção das imagens que ilustram o artigo sobre as artes visuais e Camões) devem ser também elas entendidas como leituras da sua obra, e como tal foram organizadas, quer em conjuntos autónomos, quer pontuando a sucessão dos outros textos.

As dez imagens dos painéis de azulejo da viagem marítima, pintados pelo artista japonês Jun Shirasu, produzidos e apresentados em Lisboa pela Galeria Ratton em 2017, integram o projeto “A Viagem da Camélia”, um mural em azulejo português que representa a vinda da camélia (ou japoneira) do Japão para Portugal, tocando, em sentido inverso, os pontos geográficos da viagem de Vasco da Gama narrada por Camões em *Os Lusíadas*. As quatro representações pictóricas feitas pelo escritor angolano José Luandino Vieira, em evocação do seu tempo de prisioneiro político no Tarrafal, trazem Camões para uma contemporaneidade pós-imperial. Todos estes textos, em palavras ou imagens, são pontuados por “comentários” pictóricos de André Carrilho, também autor da capa desta recolha de leituras de Camões, cada uma das quais pretendemos e desejamos que abra novas possibilidades de novas leituras. O entendimento da obra de Camões é, e continuará a ser, um projeto inacabado, sempre renovado, abrindo para o futuro.

Agradecemos a:

Ana Fernandes – Presidente do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua; Joaquim Coelho Ramos – Vogal do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua; Cristina Caetano – Diretora dos Serviços de Cultura, Camões,

Instituto da Cooperação e da Língua; Ana Maria Ferreira Azemel, Eduarda Silva, Eunice Paiva de Oliveira Santos – Camões, Instituto da Cooperação e da Língua.

Aos nossos colaboradores que, com o seu saber e arte, fazem a revista: Ana Viegas e Tiago Montepegado, diretores da Galeria Ratton, em Lisboa, por cuja mão nos foi trazido Jan Shirasu; Carlos Ascenso André, Ana Paula Ferreira, Rita Marnoto, Luis Maffei, Thomas Earle, Mário Vieira de Carvalho, Vítor Serrão, Simon Park, Delfim Correia da Silva, Luís Filipe F. R. Thomaz, Xu Yixing, Ettore Finazzi-Agrò, Fátima Mendonça, Inocência Mata, José Luandino Vieira e André Carrilho.

A Tomás de Vallera, pelas traduções dos textos de Thomas Earle e Simon Park.

A António José Massano, pela atenta revisão da revista.

A Joana Sobral, pelas propostas construtivas na criação do *design* gráfico.



André Carrilho, *Prisões baixas, "Camões - A Global Poet for Today"* (Pt/En), Diliúvio, 2023, Lisboa

# Sobre os rios que vão e a coluna vertebral da obra camoniana

RITA MARNOTO

**I.** As profundas transformações que acompanharam o desenvolvimento axial do Humanismo e do Renascimento, entre o ocaso de uma ordem e o impulso a criar outra, firmam os seus fundamentos num horizonte de crise<sup>1</sup>. A valorização da cultura antiga em novos termos, a instituição do diálogo entre esfera pagã e esfera cristã, as oscilações entre tempos, a relação entre corpo e alma, sensível e inteligível ou ser humano e mundo configuram mudanças súbitas, cuja dinâmica conflitual contém em si o próprio móbil do Renascimento.

O reconhecimento do valor do ser humano passa pela interrogação e pela exploração das suas possibilidades e dos seus limites, bem como das suas virtualidades e da forma de as aplicar no plano prático. A imagem racional e harmónica do homem vitruviano desenhado por Leonardo convive com a obscuridade e a deformação das criaturas que povoam o tríptico de Jerónimo Bosch que pode ser visto no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, ou com o ceticismo filosofante de um Montaigne. Nesse sentido, a redução do discurso de Pico della Mirandola acerca da *dignitas hominis* à fórmula “homem centro do mundo e medida do universo” mostra-se um estereótipo bastante redutor, perante a complexidade renascentista<sup>2</sup>. Segundo a doutrina de Pico, o ser humano nem é escravo de Deus, nem é detentor de um arbítrio irrefreável. A sua liberdade é a de quem deve obedecer a leis universais que tentam conciliar, numa sín-

tese superior apoiada na Sagrada Escritura, princípios que vão de Platão a Averróis, mas sem escapar à insatisfação de não conseguir alcançar uma realização plena.

Neste vasto quadro, Luís de Camões distingue-se como uma das vozes poéticas do projeto de criação do moderno que mais alto se elevou na reflexão sobre a fragmentação, a mudança, o confronto entre opostos ou a errância, enquanto etapas de *renovatio*. No seio dessas incertezas e dessas dilacerações dramáticas, as redondilhas *Sobre os rios que vão* têm vindo a ser genericamente consideradas como o coroamento resolutivo dos conflitos que avassalam o poeta, na medida em que a palinódia que nelas fica contida renega não só o canto profano e a carne, mas também o próprio pensamento, à nascença, sanando o contraponto entre sensível e inteligível por anulação do primeiro termo. Considerando os lamentos amorosos de Camões como “um sistema coerente de metafísica”, António Sérgio definiu essas redondilhas como “a própria coluna vertebral” da sua lírica<sup>3</sup>, asserção correntemente retomada pela crítica camoniana. Este trabalho mostra como *Sobre os rios que vão* não pode continuar a ser interpretado como superação das dilacerações que rasgam o universo do poeta, o que abre novas perspectivas de leitura da obra camoniana.

**2.** Através de uma rigorosa aplicação da metodologia da crítica textual, Barbara Spaggiari demonstrou que as redondilhas *Sobre os rios que vão* integram duas partes de autoria diversificada. A primeira, que é autêntica, termina com a quintilha “A minha língua se apegue”; a segunda, que é apócrifa, vai para além da quintilha “Mas tu, ó terra de glória” (*Redondilhas*, 225)<sup>4</sup>.

A constatação assenta na lógica irrefragável da metodologia neolachmanniana. A isso acrescenta a estudiosa alguns indícios de ordem analítica que oferecem, efetivamente, um fundamental contributo para a interpretação do poema e que assim se resumem: uma anomalia métrica dificilmente compatível com a mestria compositiva de Camões; a descontinuidade estrutural da segunda parte, que no manuscrito MA se inicia com a rubrica “Prosigue ao divino”; a integração, exclusivamente na primeira parte do poema, da paráfrase do salmo 136 na versão da liturgia católica (a qual tem por tema o exílio, omitindo os três últimos versículos, que apresentam um Deus vingativo que exorta à violência); a discrepância, relativamente ao salmo, das estrofes ao divino; o contraste entre as fontes de referência, na primeira parte a *Enarratio in psalmos*, de Santo Agostinho, na segunda parte o *Breviarum in psalterium*, do pseudo-Jerónimo (o que coloca a hipótese de o continuador ser um jerónimo), bem como Platão e os neoplatónicos e a Bíblia, em conformidade com a atmosfera

*A apocrifia da segunda parte de Sobre os rios que vão convida à interpretação, sob uma nova luz, da relação entre mundo sensível e mundo inteligível na obra de Camões. Trata-se de uma das tantas dualidades que a enformam, ocupando a antinomia, como se sabe, uma posição basilar no seu universo poético*

ENSAIOS

pós-tridentina; divergências nocionais, redacionais e estilísticas.

A paráfrase dos salmos, quer no âmbito do amor profano, quer em sentido religioso, contava, na Península Ibérica, com uma tradição literária consolidada, relativamente à qual a Igreja se mostrou vigilante. O segmento autêntico de *Sobre os rios que vão* encerra o efetivo significado destas redondilhas, afinal lamento de um amante que vive a lonjura da sua amada como um exílio saudoso, chegando a citar Boscán. Por sua vez, na parte apócrifa o contracanto ao divino incorpora uma conceptualização filosófica que é desenvolvida noutra plano, a partir das noções de reminiscência, tábua rasa, graça divina, palinódia ou livre-alvedrio.

Por conseguinte, a atribuição a Camões, em fontes quinhentistas, das redondilhas com o seu acréscimo implica uma remasterização que desvia a composição do seu sentido original, instrumentalizando-a. Tal não diminui, de forma alguma, a sua beleza, nem a subtrai ao lugar que a vincula, “na sua veste bipartida, à trajetória cultural das letras portuguesas”<sup>5</sup>. Mas a segunda parte não é de Camões.

Aliás, a estranheza suscitada por *Sobre os rios que vão*, na versão que até há pouco tempo era atribuída ao poeta, não deixou de ser manifestada, mais ou menos subtilmente, por alguns dos maiores críticos camonianos. António José Saraiva nota que o poema “[n]ão é uma síntese, mas uma tese que está no lugar da síntese, e que está lá por decisão, por volição”, o que torna necessário o expediente da graça divina<sup>6</sup>. Por sua vez, Helder Macedo assinala discrepâncias como a substituição, a certo ponto, de memória pelo conceito de reminiscência, ou o contraste entre, por um lado, a determinação expressa de apenas escrever poesia mística e, por outro lado, a obra poética que Camões efetivamente nos legou<sup>7</sup>.

**3** A apocrifia da segunda parte de *Sobre os rios que vão* convida à interpretação, sob uma nova luz,

da relação entre mundo sensível e mundo inteligível na obra de Camões. Trata-se de uma das tantas dualidades que a enformam, ocupando a antinomia, como se sabe, uma posição basilar no seu universo poético<sup>8</sup>.

O uso dessa figura caracteriza-se pela inesgotabilidade dos termos que a compõem, na medida em que eles se afiguram insatisfatórios, pois nunca chegam a exaurir o sentido, ao remeterem para níveis de significação que ficam para além de um simples contraste. A esse propósito, é sintomático que, nem mesmo naquelas situações mais dramáticas, que mimam as profundas mudanças enfrentadas pelo impulso renovador renascentista, a insatisfação se resolva com a prevalência de um dos termos. Considerem-se, a título de exemplo, dois casos-limite, a autodestruição e a alienação.

Atormentado pelo “abismo infernal” (*Canzoni*, 96, v. 26)<sup>9</sup> em que soçobra, o poeta, na canção *A instabilidade da fortuna*, sofre as penas a que foram condenadas quatro entidades mitológicas que ousaram desafiar os deuses: Tântalo, Ixião, Tício e Sísifo. Aliás, o tema, difundido por Ovídio, gozou de grande voga no século XVI, tendo sido tratado em quatro telas de Tiziano que desde 1558 se encontravam em Madrid<sup>10</sup> e cujas sombras trágicas muito têm em comum com os tons desta canção.

Logo na primeira evocação, o amante compara-se a Tântalo:

*de ávida sede morto estou no rio,  
onde de meu serviço o fruto vejo,  
mas alça-se-me se a colhê-lo venho  
e foge-me a água se a beber porfio,  
assim que em fome e sede me mantenho:  
não tem Tântalo a pena que eu  
sustenho.*

(*Canzoni*, 96, vv. 43-48)

Os castigos que lhe são infligidos, e que são os mesmos a que Tântalo foi condenado, impedem-no de matar a sede nas águas do rio que diante de si corre, ou de saciar a fome com os frutos que diante de si pendem. Tal impossibilidade decorre de uma insatisfação primordial, que o leva a

sentir-se continuamente carente de algo, mesmo em situação de abundância.

Apesar do sucesso do tema, o modo como Camões trata a questão da falta não encontra paralelo noutros poetas da época. Entre Camões e Ovídio, está Marsilio Ficino e o tipo de melancolia, própria dos amantes, que o humanista florentino caracteriza pela insaciabilidade.

Passando ao tema da alienação, o caso de Trasilau é desenvolvido em seis oitavas da composição *Quem pode ser no mundo tão quieto*. Enlouquecido, Trasilau convence-se que as naus do porto Pireu lhe pertencem, assim vivendo feliz com a riqueza que pensa deter, até ao dia em que os médicos lhe restituem a sanidade. Libertado do seu desvario, é nestes termos que se lamenta:

*Torna-me a meu estado, que eu te aviso  
que na doudice só consiste o siso.*  
(Ottave, 52, vv. 177-178)<sup>11</sup>

O alienado é o que vive como se fosse o outro que tem dentro de si. Mas também o *vir bonus* sente uma atração pela loucura que é incapaz de neutralizar. De qualquer modo, persiste um outro recôndito que se deixa entrever como falta constitutiva, entre o louco e o assisado.

Passando ao campo da épica, as ressonâncias dessa insatisfação levariam a considerações que não cabem no espaço deste artigo. Na verdade, em *Os Lusíadas* o passado de Portugal é celebrado para além dele, num espaço que se estende por outros continentes e num tempo que se projeta pelo futuro<sup>12</sup>. O anseio da viagem leva consigo a atração pelo desconhecido que expõe a falta à diferença, através da procura de outras terras e de outros povos, em busca de uma identidade *in fieri*.

O olhar que a *Melancolia* de Dürer dirige para além dos limites da gravura que a encerra ilustra bem a condição do criador artístico, suspenso entre a incessante indagação de conhecimento, para lá de todas as fronteiras, e o incerto. O melancólico é o que, insatisfeito com o que tem,

*Em Os Lusíadas o  
passado de Portugal é  
celebrado para além  
dele, num espaço  
que se estende por  
outros continentes  
e num tempo que se  
projeta pelo futuro.  
O anseio da viagem  
leva consigo a atração  
pelo desconhecido  
que expõe a falta à  
diferença, através da  
procura de outras  
terras e de outros  
povos, em busca de  
uma identidade in  
fieri*

aspira sempre a uma outra coisa que não é suscetível de ser conciliada com as margens do quadro. Essa dificuldade em aceitar os limites, que percorre transversalmente a obra camoniana, tende a projetar a procura para além da finitude temporal e espacial, mesmo quando o poeta tem perante si os frutos que o saciam ou, mesmo, quando o alienado recupera o siso.

Há, porém, um limite perante o qual esse anseio se estanca.

A canção *Manda-me amor que cante doce-mente* termina com um reenvio para o plano inteligível:

*[canção.] os sentidos humanos – lhe  
responde  
não podem do divino ser juizes,  
senão com o pensamento,  
que a falta supra a fé do entendimento.*  
(Canzoni, 54, vv. 94-97)

Os sentidos humanos não podem ajuizar coisas divinas, restando ao pensamento, para compensar os limites do entendimento, a fé. Ao longo da composição, fora explanado todo um aparato de imagens características do amor melancólico, em termos ficinianos<sup>13</sup>, com delírios, tormentos fictícios e um desejo incontrolável de ver a mulher amada. Contudo, a essa série de antinomias irresolutas sobrepõe-se o contraste firme entre mundo sensível e mundo inteligível.

A condição de insaciabilidade que leva o amante a dirigir o seu olhar para outro tempo, para outro lugar, é também a que o separa de uma divindade suprema e impenetrável, que não pode ser objeto do seu juízo e só é apreensível através da fé. Os termos excluem-se.

**4.** Camões coloca Deus “fora do espaço semântico de um discurso poético que visa dar uma significação não-teológica ao mundo inteligível e a destinos humanos com princípio e meta limitados”<sup>14</sup>, observa Helder Macedo, ao comentar os versos de

Os *Lusíadas*:

(...) mas o que é Deus, ninguém o entende,  
que a tanto o engenho humano não se estende.

(Lus., 10. 80. 7-8)<sup>15</sup>

A recondução do texto de *Sobre os rios que vão* à sua configuração autoral vem confirmar a clarividência das observações desse crítico. Deus é causa, razão e autor do mundo e o seu saber não tem limites de espaço ou de tempo, ao passo que o ser humano, enredado no sensível, é desprovido das virtualidades que lhe permitam sequer compreender os desígnios divinos. Por conseguinte, o reconhecimento da intransponibilidade dessa barreira torna-se uma necessidade lógica, no quadro da apreensão da plenitude divina<sup>16</sup>. A finitude e os limites da Babilónia em que vive, e a que não pode escapar, impedem-no de aceder, através da via unitiva, ao plano da transcendência. Diferentemente, o continuador de *Sobre os rios que vão* acolhe a possibilidade de “passar logo o entendimento/ para o mundo inteligível” (*Redondilhas*: 231, vv. 344-345).

Essa perfeição divina é modelo de verdade, amor, razão e merecimento que, ao ser derramada sobre a alma, pode alinhar a criatura com o criador, gerando conhecimento. Contudo, a transitoriedade e a confusão do *saeculum*, em sentido agostiniano, refreiam a conversão desses valores em harmonia, como a insaciabilidade que marca o universo camoniano bem o traduz. Dessa feita, fortuna, caso, tempo e sorte acabam por levar a melhor:

*Verdade, Amor, Razão, Merecimento  
qualquer alma farão segura e forte,  
porém fortuna, caso, tempo, sorte  
têm do confuso mundo o regimento.  
Efeitos mil revolve o pensamento  
e não sabe a que causas se reporte,  
mas sabe que o que é mais que vida e  
morte,  
que não no alcança humano entendi-  
mento.*

*Doutos varões deram razões subidas  
mas são experiências mais provadas,  
e por isto é melhor ter pouco visto.*

*Cousas há 'i que passam sem ser cridas  
e cousas cridas sem serem passadas,  
mas o melhor de tudo é crer em Cristo.*  
(Sonetti, 260, n.º 88)

Confinado à esfera terrena compreendida pela temporalidade que fica entre vida e morte, e que nem a conceptualização dos sábios consegue explicar, resta ao ser humano o confronto com a experiência do *saeculum*. A variante *difficilior* do verso 10, “pouco”<sup>17</sup>, mostra-se a esse propósito instigante, na medida em que acentua o contraste entre o apreço merecido pela experiência<sup>18</sup> e o seu carácter aleatório, ao evidenciar como a confusão entre plano intelectual e plano empírico é de tal ordem que aquilo em que se acredita e aquilo que acontece não se correspondem. Efetivamente, Santo Agostinho, no *De Trinitate*, nota a dificuldade em compreender a verdade, na medida em que o mundo sensível a ofusca, assim obnubilando o fulgor da noção primordial de uma verdade divina<sup>19</sup>. Paralelamente, este mesmo tratado é uma das fontes do conceito neoplatónico de memória, tal como é apresentado na parte autêntica de *Sobre os rios que vão*.

Daqui decorrem duas grandes consequências. Uma é relativa à incidência vestigial de Deus no mundo, que acaba por ser obscurificada, face às imposições de fortuna, caso, tempo e sorte. Outra, que dela decorre, diz respeito à inabalável crença, através da fé, num Cristo que é Deus feito homem. O não-alinhamento entre a perfeição divina e a confusão terrena institui então uma separação que cerceia o acesso à via dinâmica que liga circularmente sensível e inteligível, nos termos em que é concebida por Marsilio Ficino. Estão as redondilhas *Sobre os rios que vão* prestes a terminar, e o poeta sente que o seu canto, afinal, continua a perpetuar a falta: “porque a pena cansará/ e eu não descansarei” (*Redondilhas*, 223, vv. 169-170). A insatisfação não encontrou uma resolução.

A restituição do texto de *Sobre os rios que vão* ao poema garantidamente escrito por Camões adquire repercussões extraordinárias, relativas não só à interpretação das

*Deus é causa, razão e autor do mundo e o seu saber não tem limites de espaço ou de tempo, ao passo que o ser humano, enredado no sensível, é desprovido das virtualidades que lhe permitam sequer compreender os desígnios divinos. Por conseguinte, o reconhecimento da intransponibilidade dessa barreira torna-se uma necessidade lógica, no quadro da apreensão da plenitude divina*

Uma nova antropologia filosófica reconhece e afirma o ser humano como detentor de uma existência vinculada ao ocaso de uma ordem e à descoberta do moderno

próprias redondilhas, como é óbvio, mas também à interpretação da obra camoniana no seu todo. Libertado das passagens de submissão religiosa, que são apócrifas, o poema deixa de contemplar a palinódia e a renegação do sensível que culmina com uma anulação derradeira. Ao fervor do ato de contrição, substitui-se o fascínio do canto de exílio existencial, mas não metafísico. Por conseguinte, as redondilhas *Sobre os rios que vão* não poderão continuar a ser lidas como coroação da lírica camoniana, na medida em que as passagens que sustentam essa leitura, aliás já interrogadas por alguns críticos, não são de Camões.

O reconhecimento de uma transcendência, situada para além da compreensão de um ser humano que se acha no desterro da Babilónia, associa-se a uma insatisfação que, melancolicamente, o entrega a uma busca insaciável, entre, por um lado, fé e verdade divina e, por outro lado, as constricções da fortuna e do acaso. Uma nova antropologia filosófica reconhece e afirma o ser humano como detentor de uma existência vinculada ao ocaso de uma ordem e à descoberta do moderno. Nesse sentido, as redondilhas *Sobre os rios que vão* podem ser consideradas a coluna vertebral da obra camoniana, porque não incluem as passagens que não são do poeta.

Notas

1. É a grande lição exposta por GARIN, Eugenio, em 1975, com *Rinascite e rivoluzioni. Movimenti culturali dal XIV al XVIII secolo* ([2022], Intr. Michele Ciliberto, Milano, RCS MediaGroup, e mais recentemente desenvolvida por CACCIARI, Massimo, em *La mente inquieta. Saggio sull'Umanesimo*, [2019], Torino, Einaudi.
2. Ver GARIN, Eugenio (2011), *Giovanni Pico della Mirandola. Vita e dottrina*, Intr. Cesare Vasoli, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura [1.ª ed., 1937].
3. "Questão prévia dum ignorante aos prefaciadores da lírica de Camões", SÉRGIO, António (1981), *Ensaio, Tomo IV*, Lisboa, Clássicos Sá da Costa, 63 (original de 1933-1934).
4. As remissões abreviadas remetem para CAMÕES, Luís de (2021), *La lírica di Camões. 2. Redondilhas*, ed. crítica SPAGGIARI, Barbara, Genève, Centre International d'Études Portugaises, pp. 40-63, 216-263. A forma *Sobre os rios* é atestada pelas fontes manuscritas e pela edição das *Rimas* de 1595. O texto de todos os volumes da edição crítica preparada por esse Centro será citado com modernização e atualização da grafia.
5. SPAGGIARI, Barbara (2023), "Camões e o Ps. 136 *Super flumina Babylonis*", *Românica*, 25, p. 191.

6. SARAIVA, António José (1980), *Luís de Camões. Estudo e antologia*, Amadora, Bertrand, p. 115.
7. MACEDO, Helder; EARLE, Thomas (ed.) (2019), *Luís de Camões. A Global Poet for Today*, Lisboa, Lisbon Poets & Co., pp. 26-27.
8. Foi SENA, Jorge de, que se referiu de forma pioneira, em 1948, à dialética camoniana ([1980], *Trinta anos de Camões, I volume*, Lisboa, Edições 70, pp. 15-39). Por sua vez, LOURENÇO, Eduardo cunhou em 1972 a feliz fórmula de 'tempo e razão oscilante' ([2019], *Obras Completas*, VI, coord. de José Augusto Cardoso Bernardes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 63-77).
9. As remissões abreviadas remetem para CAMÕES, Luís de (2021), *La lírica di Camões, 3. Canzoni*, ed. crítica Maurizio Perugi, Genève, Centre International d'Études Portugaises.
10. Assinala-o e explica-o PERUGI, Maurizio (*Canzoni*, pp. 99-104). Tinham sido encomendadas em 1548 por Maria da Hungria para celebrar seu irmão Carlos V pela derrota que, em Mühlberg, infligira aos quatro príncipes germânicos que o tinham desafiado. O título por que ficaram conhecidas, *As Fúrias*, remete para as figuras femininas vingadoras que determinavam as penas infernais, o que acentua a violência da representação. Sintomaticamente, têm por antecedente o desenho

- em que Miguel Ângelo funde Tício com Cristo. Quanto à imensa fortuna literária do tema, Perugi recorda Boccaccio, Ausiàs March, Rodríguez del Padrón, Juan de Mena, Gómez Manrique, Garcí Sánchez de Badajoz, Gutierre de Cetina, Gregorio Silvestre, Garcilaso, Fernando de Herrera, Cariteo, Girolamo Britonio, Sannazaro e Bernardo Tasso, ao passo que, em âmbito pictórico, há a assinalar artistas da craveira de Rubens, Goltzius van Haarlem, Rombouts ou Ribera.
11. A remissão abreviada remete para CAMÕES, Luís de (2023), *La lírica di Camões, 4. Ottave*, ed. crítica Barbara Spaggiari, Genève, Centre International d'Études Portugaises.
  12. Através do que Fernando Gil designa como refundação (GIL, Fernando; MACEDO, Helder [1998], *Viagens do olhar*, Porto, Campo das Letras, pp. 20-26).
  13. PERUGI, Maurizio, *Canzoni*, pp. 12-20.
  14. MACEDO, Helder (2013), *Camões e a viagem iniciática*, Lisboa, Abyssmo, p. 19.
  15. A remissão abreviada remete para CAMÕES, Luís de (2023), *Os Lusíadas*, ed. crítica da *princeps*, ed. Rita Marnoto, Genève, Centre International d'Études Portugaises.
  16. A confrontar com a teologia negativa de ERIÚGENA, Escoto: "Deus itaque nescit se, quid est,

- quia non est quid; incomprehensibilis quippe in aliquo et sibi ipsi et omni intellectui", *De divisione naturae*, 2.28 (PL 122, C 589; Deus, portanto, não se conhece a si mesmo, o que é, porque não é o que é; pois é incompreensível em qualquer aspeto, tanto para si mesmo como para todo o entendimento).
17. CrB LF "pouco". Manuscrito Apenso "muito".
  18. No v. 10, o significado do qualificativo "provadas" (que dão provas) associa-se ao de "prezadas" (apreciadas), variante do Cancioneiro de Luís Franco (cf. *Sonetti*, p. 260). Poder-se-ia ainda remeter para o soneto *Correm turvas as águas deste rio*, em que a confusão do mundo leva a crer "que dele Deus se esquece" (*Sonetti*, 390, n.º 155) e para outros textos. Quanto a *Vós outros, que buscais repouso certo*, a sua autoria camoniana permanece improvada.
  19. "Noli quaerere quid sit veritas; statim enim se opponet caligines imaginum corporalium et nubila phantasmatum, et perturbabunt serenitatem, quae primo ictu diluxit tibi.", AGOSTINHO, *De Trinitate*, 8.2.3 (PL 42, 949 C; Não perguntes o que é a verdade; logo se vão interpor as névoas das imagens corporais e as nuvens dos fantasmas, e perturbarão a serenidade que te iluminou no primeiro instante."). Cf. *Redondilhas*, 255.